

questão da selecção de fontes para a história da língua portuguesa, trazendo ao corpo da diacronia do português textos que não são tradicionalmente nele integrados. Rosane Berlinck, tomando como base dois textos de Fernão Cardim, demonstra as potencialidades da chamada literatura de viagens, nomeadamente as crónicas e relatos, como fontes para a história da língua portuguesa, sem, no entanto, deixar de ressaltar que a utilização deste tipo de fontes envolve necessariamente uma selecção e utilização criteriosas destes textos, não dispensando a análise prévia das suas condições de produção e características específicas. Gladis Cagliari, por seu turno, demonstra, a partir da análise de aspectos prosódicos, a pertinência da consideração das *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, como fonte para a história da língua portuguesa. Através da comparação entre estas cantigas religiosas de origem castelhana e as cantigas profanas galego-portuguesas, a autora observa a inexistência de uma diferente tipologia de fenómenos entre os dois *corpora* analisados, verificando-se tão só diferenças na sua frequência, o que lhe permite concluir que os textos de ambos os *corpora* constituem exemplares de uma mesma língua. Esta conclusão vem, assim, não só comprovar a vitalidade do galego-português como língua literária na região ibero-românica da Europa medieval, mas também dar força à teoria, defendida por vários autores, de que Afonso X teria sido falante nativo de galego-português. Fica por apurar se este último facto será determinante para a integração das *Cantigas de Santa Maria* no *corpus* diacrónico do português ou se a mesma conclusão poderá ser aplicável a textos de outros autores castelhanos que, como Afonso X, usavam o galego-português como língua literária.

O texto de Heitor Megale et alii, "A leitura de manuscritos em português: documentação do séc. XVII", versa questões relacionadas com o tratamento das fontes na investigação em história da língua portuguesa, nomeadamente questões paleográficas. Megale et alii debruçam-se em concreto sobre os problemas levantados pelos manuscritos seiscentistas, com particular relevo para as ligaduras na escrita cursiva e para a variação nas representações gráficas, que caracteriza também a escrita gótica. No entanto, ao tomarem como referência manuscritos portugueses, não apenas do séc. XVII, mas também desde o tempo do descobrimento do Brasil, de diferentes proveniências geográficas e de mãos de diferente habilidade, os autores não só trazem à luz alguma documentação importantíssima e pouco conhecida, mas também fornecem dados do maior interesse para o estudo da história da escrita, bem como da história da língua portuguesa no Brasil.

Maria Antonieta Cohen, no texto intitulado "Expressões temporais e locativas na história do português", analisa uma questão de sintaxe histórica, a presença/ausência de preposições nas expressões temporais e locativas, com particular interesse para a compreensão da variação actual. Ao demonstrar que, nas relativas oblíquas, no período analisado (sécs. XIV-XX), se verifica tanto a presença como a ausência de preposição, a autora traz dados relevantes para a descrição deste fenómeno no português europeu actual, onde a ausência de preposição tem vindo a ganhar terreno, na oralidade dos falantes cultos, face à construção típica da norma, com preposição, revelando, assim, ser este um fenómeno muito antigo, em curso pelo menos desde o séc. XIV.